

## EMOÇÕES, MEIO SOCIAL E PROCESSO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS

*Claudia Maria Moura Pierre<sup>1</sup>*

### Resumo

Utilizamos-nos das premissas colocadas pela Biologia do Conhecimento, proposta por Humberto Maturana, no intuito de fazer inferências sobre o processo de estruturação social pautado em modos de vida baseados na emoção que aceita o outro ou na emoção de negação do outro. Segundo esta teoria, emoções são posturas corporais dinâmicas que definem domínios de conduta. A emoção cujo domínio de condutas se dá na aceitação do outro como legítimo, é o amor. O amor é uma emoção pré-linguagem, mas aprendemos o emocionar de nossa cultura na convivência social. Isto nos leva a crer que um modo de convivência no qual o amor é a emoção estruturante, a criança erige uma percepção amorosa do mundo, pois sua percepção terá esta emoção como fundamento. Em um modo de convivência no qual a criança cresce na negação, será todo o emocionar dela oriundo, que definirá sua percepção e modos de atuar. Fluímos de uma emoção a outra mas, em nossa história de interações, estabilizam-se dinâmicas emocionais que configuram o mundo de acordo com esta dinâmica. Considerando que ‘o viver é uma história na qual o curso das mudanças estruturais que se vive é contingente à nossa história de interações’, deduzimos que o modo de convivência é de grande importância, pois nossa história de vida consiste num processo de transformações estruturais internas contingentes com nossa história de interações.

**Palavras-chave:** Emoções, amor, modos de convivência, história de interações, meio social.

## EMOTIONS, SOCIAL ENVIRONMENT AND THE PROCESS OF STRUCTURING

### Abstract

According to the Biology of Cognition, emotions are postures that define behavior domains. The emotion that accepts the other is love. Love is an emotion prior to language, but we learn the attributes of emotions of our culture, by social interaction. In a way of life in which love is the most present emotion, a child will elect an affectionate perception of the world, since their perception will have this emotion as a base. In a way of life in which a child grows feeling rejected, this feeling of rejection - and all emotions that come with it - will define their perception and behaviors. We go from one emotion to another but, in our interactions, there are some core emotional behaviors that characterize this relationship with the world. The social background is of great importance, because the development of a child consists of a process of internal structuring transformations directly related to their historical interactions.

**Keywords:** Emotions, love, way of life, historical interactions, social environment,

## Introdução

Este artigo trata de algumas considerações baseadas em princípios desenvolvidos pela Biologia do Conhecimento. Tal teoria foi desenvolvida por Humberto Maturana Romensín, PhD em Biologia pela universidade de Harvard. Procuramos estabelecer relações entre as emoções, processo de mudanças estruturais e espaços sociais de convivência.

Nossos estudos indicam que a forma como nos emocionamos está vinculada à forma como somos socializados. Em outras palavras, o modo de vida que experimentamos delineia a maneira como nos emocionamos. Tal ocorre porque, ao nos estruturarmos em uma história de interações, nós somos, a cada momento, influenciados por esta história de interações. Uma história de interações vividas em um modo de vida ou de outro definirá indivíduos, cujo emocionar e linguajar serão resultantes desta história. Consideramos que erigir-se-á um de espaço emocional específico para cada espaço social vivido. Exemplo: espaços sociais nos quais o respeito faz parte de sua dinâmica suscitarão condutas sociais de respeito mútuo. O respeito é um modo de aceitação do outro em sua legitimidade. Ao contrário, espaços sociais nos quais seus membros têm condutas pautadas em emoções que negam o outro, levará indivíduos a atuarem na negação.

De acordo com a Biologia do Conhecimento, toda ação humana é efetivada a partir de uma emoção, porque o fundamento do agir está na maneira como nos emocionamos e não em algo que seja exterior a nós, como seres vivos. Consideramos que a emoção, por sua vez, configura um mundo que tem a ver com ela, e nosso agir é sempre relativo à percepção que temos do mundo.

Percebemos a partir dos sentidos, de uma maneira que, mesmo o mundo sensível é construído socialmente a partir de uma estrutura biológica básica. Perceber é estar no mundo, porque a forma como estamos no mundo é determinada segundo nossa percepção do mundo.

A Biologia do Conhecimento explica o fundamento das condutas humanas e como a aprendizagem acontece. Esta teoria propõe uma explicação da operacionalidade do ser vivo, que consiste em operarmos em clausura operacional. Isto é, a forma como percebemos e agimos no mundo não depende do que está fora de nós, mas da forma como estamos feitos. A percepção não é captação de um mundo externo, pois este mesmo mundo é percebido de acordo com nossa capacidade de percebê-lo. Percebemos o que nossa biologia e nosso espaço relacional nos permitem perceber. Isto implica em algumas premissas fundamentais:

- nosso atuar é nossa forma de perceber;
- percebemos a partir da emoção.
- A realidade percebida é sempre uma realidade para nós.

No que se refere à aprendizagem, ela consiste em um processo de mudanças estruturais. Não captamos informações de fora, mas vamos nos constituindo a cada momento, de acordo com o modo como estamos feitos, no momento dado. E esta estruturação se dá em congruência com a circunstância, com o meio no qual nós estamos inseridos. O espaço relacional em que vivemos *delimita* a forma como nos constituímos. (não determina).

Há espaço relacional baseado na emoção que aceita o outro, ou seja, um espaço cuja dinâmica de relações sociais se percebe e considera o outro como legítimo. Também, há uma dinâmica de relações fundadas em emoções baseadas na rejeição, isto é, emoções negadoras do outro como legítimo outro. Quando há aceitação e conferência de legitimidade do outro, este é considerado em sua própria operacionalidade. Quando não, há negação, o que resulta em interações nas quais há imposições e submissão.

Há uma imanente inter-relação indivíduo e sociedade, de maneira que o modo de atuar dos indivíduos no sistema social advém da organização desse sistema, de como interage com os outros e como realiza sua vida – história de interações e meio social. Fundamentalmente, o meio sócio-cultural forja um padrão de conduta pois a

*Cultura é uma rede de conversações que define um modo de viver, um modo de estar orientado na existência e no âmbito humano, e envolve um modo de atuar, um modo de emocionar-se, e um modo de crescer no atuar e no emocionar-se. (Maturana, 1989:7).*

As sociedades compreendem sistemas de convivência que se diferenciam segundo a emoção, segundo um espaço básico de ações. Há sistemas de convivência cuja base é a emoção de aceitação e respeito pelo outro. Neste sistema de convivência o outro é reconhecido em sua legitimidade. E, há sistemas de convivência nos quais há um referencial estranho ao operar do organismo. Nestes sistemas de convivência, há uma rejeição, uma negação do outro e, portanto, são sistemas de veio autoritário e impositivo.

A formação da percepção ocorre através da socialização. Distintas racionalidades se erigem por maneiras específicas de perceber. Considerando que a operacionalidade da sociedade não é dissociada de nosso operar enquanto seres bio-psico-sociais, infere-se que a constituição de uma sociedade depende de como operamos. Portanto, que a sociedade é formada

por cada membro que dela faz parte, de maneira que cada indivíduo particular e a forma como opera, especifica o modo como esta sociedade se constitui.

Nosso operar social e político tem raízes na maneira como percebemos e o modo como percebemos tem raízes em nosso operar emocional/biológico.

Aprendemos a nos emocionar de determinada maneira segundo nossa história de interações. Nosso espaço relacional faz suscitar um tipo de emoção ou outro, bem como nos permite certas percepções ou nos cega a elas. Aprendemos o emocionar de cada cultura, em determinado espaço social. É o espaço social que especifica a operacionalidade de acordo com uma emoção ou outra.

Assim, há um modo de vida baseado na emoção do amor, na aceitação do outro, e modos de vida baseados na emoção da rejeição, que define outros domínios de conduta. O amor consiste numa aceitação do outro como legítimo outro. O outro é respeitado e tal emoção, como todas as demais, define um raio de ações dela derivada. Sob essa emoção, um certo domínio de ações são suscitados e outros são impossíveis. Nesta concepção, o amor consiste num modo de atuar.

Um modo de vida baseado em outras emoções suscita percepções nas quais o outro é considerado não a partir da aceitação, mas da exigência – o outro tem que se conduzir de maneira especificada pelo observador. A não aceitação provoca conflitos e nega a reflexão – uma criança negada não reflete sobre si, presa na ansiedade de ser quem não é. O diálogo não tem lugar, pois o ideal é construído de acordo com uma sentença que não se pode questionar.

Um espaço social baseado no amor é diferente de um espaço social em que as pessoas vivam em domínios de ações baseados no medo e na rejeição. Tais emoções levam a condutas que impedem a reflexão, porque não há condição para que isto ocorra. Uma criança que encerre emoções conflituosas construirá um espaço social diferente de outras que foram socializadas na aceitação e no respeito.

Se a dinâmica de relações for baseada na emoção do amor, propicia-se um espaço que favorece o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Um espaço relacional onde o amor esteja ausente, faz com que o organismo responda a estas condições, interferindo com sua fisiologia e corporalidade. A ausência de amor gera sofrimento e enfermidade. Além disso, se se vive num espaço relacional que dispensa o diálogo e a reflexão, vive-se sob o jugo do autoritarismo.

Para conhecer os espaços relacionais, torna-se necessário conhecer como operam os membros que realizam esses espaços. A partir do conhecimento de como operam os seres humanos, conhecemos seu psiquismo e a organização sócio-política da sociedade.

A constituição política e social das sociedades tem como fundamento primeiro o domínio emocional, perceptivo e racional que especificam os tipos de interações humanas. Partindo da concepção da política como ação do sujeito no mundo, e de que toda ação é suscitada por uma percepção – e que esta se baseia numa emoção – inferimos que o modo como percebemos e nos emocionamos delimita espaços sociais específicos; delimitam determinadas maneiras de agir.

A forma como a sociedade é constituída depende de como seus membros são constituídos. Há uma intersecção entre indivíduo sociedade. A organização social e política é determinada pela forma como as pessoas se emocionam nesta mesma sociedade. E erigem a percepção e a racionalidade a partir disto.

### Emoções

Para Humberto Maturana, emoções são domínios de ações. Isto quer dizer que o organismo se comporta segundo a emoção que está sentindo. Se uma pessoa está com raiva, ela se comporta diferentemente de quando não está. Segundo este autor, emoções são *disposições corporais dinâmicas que definem distintos domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.* (Maturana, 2002b:15)

Nós somos capazes de distintos domínios de ações e de distintas disposições corporais que as constituem e realizam. Não há ação humana que não tenha um conteúdo emocional que a sustente. Uma mudança emocional implica uma mudança na ação. A maneira de estar no mundo, de se mover e atuar tem fundamento na emoção, que erige um mundo perceptivo. A forma como percebemos é explicitada para nós mesmos enquanto observadores operando na linguagem.

As emoções assumem formas variadas. A emoção que funda a convivência social é aquela em que se aceita o outro como legítimo outro na convivência. Isso porque o emocionar

*em cuja conservação o humano se constitui ao surgir a linguagem se centra no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a nós, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações em que aceitamos o outro na proximidade de nossa convivência”* (Maturana, 1989b:3)

Na vida cotidiana, distinguimos emoções diferentes observando as ações e posturas corporais nossa ou dos outros. *Si queremos conocer la emoción del outro, debemos mirar sus acciones; si queremos conocer las acciones del outro, debemos mirar su emoción.* (Maturana, 1992: 41).

Mesmo os animais atuam a partir da emoção. Ao estarmos no domínio de uma emoção, isso especifica o tipo de ações de que somos capazes. No caso de um animal, um cavalo, por exemplo, se está sob o domínio do medo e do susto, não poderá agir de outra forma a não ser relinchar, dar coices ou correr. No caso humano, se estamos sob o domínio da emoção do amor, será para nós, impossível matar, roubar ou agredir o outro. Um domínio de respeito e responsabilidade está especificado no domínio de ações de uma pessoa sob essa emoção.

Por essas razões, o que se distingue como emoções, são disposições corporais que especificam a cada instante o domínio de ações em que nos movemos. E isso é dinâmico. Mesmo nos animais, há um trânsito de uma emoção para outra, o que significa entrar e sair de um domínio de ações para outro. *O emocionar é um aspecto fundamental do operar animal, que nós também exibimos.* (Maturana, 2002a:170).

O emocionar define nossos desejos e preferências. Porque somos seres sociais, aprendemos o emocionar no entrelaçamento com as outras pessoas. O emocionar animal não é o emocionar humano. Exemplo disso são as meninas lobo.

Na Índia, foram resgatadas duas meninas que tinham sido criadas por lobos. Uma de cerca de oito anos, a outra com cinco. Elas só se locomoviam de quatro e não articulavam uma palavra humana. Logo depois do resgate, a mais velha morreu. A outra sobreviveu por dez anos. Aprendeu a andar e modificou seus hábitos – antes só comia carne crua, era notívaga e rechaçava o contato humano. Mas nunca a sentiram verdadeiramente humana.

Elas foram privadas da convivência humana e se “tornaram lobas”. Ainda que suas estruturas iniciais as permitissem ser humanas, elas nunca se humanizaram. Nunca se acoplaram ao contexto humano. A formação dos organismos sociais é resultado de sua história de interações. Na ontogenia, o sistema nervoso vai sofrendo transformações estruturais permitidas por sua plasticidade, de forma que essas transformações dadas no viver cotidiano constituem sua própria natureza. Nossa natureza é humana porque vivemos um espaço de convivência humana, nos humanizamos. Aprendemos a ser humanos.

As meninas lobo não tinham o emocionar humano, tinham o emocionar de lobos, e nunca

chegaram verdadeiramente a se emocionar humanamente. A diferença é que há uma geração do emocionar humano na linguagem, no racional e na relação com os outros. *O ser humano adquire seu emocionar no seu viver congruente com o emocionar dos outros... com quem convive.* (Maturana, 2002a:172).

O emocionar surge no espaço relacional com os outros e, portanto, inclui o conversar. É, através dessas relações na linguagem, que se configuram distintas emoções. O fazer humano se constitui no entrelaçamento do linguajar com o emocionar-se. Toda atividade humana inclui a linguagem e o emocionar. Todo domínio de experiências se dá como um fluir de coordenações consensuais de conduta em consenso com nossas emoções. Quando o fluir emocional não é consensual, então há problemas.

Nosso distinto modo de nos relacionar implica em distintos modos de sermos humanos. No nosso espaço de conversações, nos envolvemos em distintas emoções, nos colocamos em domínios operacionais específicos na vida. Há uma dinâmica emocional recorrente. Isso resulta em um modo particular de entrelaçamento, alguns dos quais podem dar origem a domínios de ações contraditórios, que geram sofrimento:

- Domínios de ações contraditórios: mútua aceitação e mútuo rechaço. Isso ocorre quando se acusa ou rejeita o outro, cuja companhia precisamos e, portanto, desejamos.

- Auto-depreciação: se é ocasional, não há problema. Mas se for condição constitutiva essencial, há sofrimento. Se atribuímos a nós um valor que não podemos cumprir, emocionaremos na frustração.

Quando o fluir da ação não é consensual com nossas emoções, então geram-se problemas – a criação do conflito, que ocorre quando nossas ações não estão em concordância com nossas emoções verdadeiras. Há conflito emocional.

*A maior parte de nossos sofrimentos surge de conversações recorrentes ou de entrecruzamento de conversações que nos levam de maneira repetida a operar em domínios contraditórios de ações* (Maturana, 2002a:179)

Toda atividade humana se constitui no entrelaçamento do linguajar com o emocionar (conversações), mas a modulação consensual pode se dar fora da linguagem (mamíferos). Quando o fluir emocional surge fora da reflexão; quando fluímos de um espaço para outro de ações, sem que saibamos como se operaram essas mudanças, podemos denominar que o processo é inconsciente.

Pelo fato de todas as ações humanas, qualquer que seja o espaço operacional em que se dêem, se fundarem no emocional, a emoção constitui a chave para a compreensão do humano. Toda reação diz alguma coisa sobre a emoção que a fundamenta.

Um modo de emocionar-se é um modo de atuar, um modo de estar na linguagem, um modo de viver. Emoções especificam o espaço básico de ações em que se dão nossas relações com o outro e com nós mesmos. Emoções diferentes especificam diferentes modos de atuar. Isso significa que emoções distintas originam diferentes sistemas de convivência.

Sistemas de convivência constituem em modos de viver, definidos por padrões emocionais. Assim, há sistemas diferentes dentro de uma cultura, definidos pelas emoções que os fundamentam. Maturana especifica três sistemas diferentes segundo a emoção em uma cultura:

1 - Sistemas sociais – ele considera sistemas sociais somente os sistemas de convivência constituídos sob a emoção do amor.

2 - Sistemas de trabalho – constituídos sob a emoção da aceitação do cumprimento de determinadas tarefas e,

3 - Sistemas hierárquicos ou de poder – constituídos sob a emoção que constitui ações de aceitação de submissão própria ou do outro; institui a obediência como ação básica, negando o outro e a si mesmo.

Cada uma dessas emoções diferentes constitui um modo particular de relações consigo e com os outros.

Inferese com isto que, para que haja um modo de vida no estar juntos se requer uma emoção fundadora particular sem a qual o modo de vida na convivência não seria possível. Essa emoção é o amor. O amor gera um modo de vida baseado em interações recorrentes, que torna possível a convivência e a linguagem. Ao passo que as interações recorrentes baseadas no amor ampliam e estabilizam a convivência, as interações recorrentes na agressão, interferem e rompem a convivência tornando-a problemática, quando não impossível.

Se reconhecermos que as emoções são disposições corporais que especificam domínios de ações e, que as diferentes emoções se distinguem precisamente porque especificam domínios de ações distintos, conseqüentemente, reconheceremos que cada ação humana se funda no emocional, não importa que espaço operacional que essas emoções especifiquem. Se todas as ações humanas são fundamentadas naquilo que é básico à nossa natureza, também se incluem aí, os espaços de operacionalidade racional. Ou seja, também a

racionalidade, como ação humana é especificada a partir de uma emoção.

A participação das emoções em qualquer sistema racional nos convida a tomarmos conhecimento delas para conhecermos a nós e aos outros. Assim, conheceremos também o domínio racional que estamos vivenciando.

Se todas as nossas ações têm fundamento emocional, a responsabilidade e a liberdade, duas dimensões essenciais nos seres humano, também são fundadas na emoção. É a partir da reflexão sobre a emoção que nos damos conta do fundamento não racional de destas dimensões fundamentais da vida humana.

O respeito e a liberdade são psicologicamente estruturados no humano, através do processo de socialização. Processo este considerado como uma determinada maneira de viver que corporifica a emoção do respeito pelo do outro, do amor, da liberdade, ou do desamor. O respeito se dá quando há uma aceitação de si e do outro. A aceitação envolve o respeito, operacionalmente. Isso porque a emoção especifica um modo de operar no mundo.

### **Emoção do Amor**

Segundo Maturana, o amor é uma emoção básica que dispensa a racionalidade: amamos porque aceitamos o outro, simplesmente. Na verdade, usamos a racionalidade para justificar nossas emoções e desejos. Mas não nos damos conta disso. Nossa cultura leva-nos a crer que a razão é separada da emoção.

Usualmente, acreditamos que nossas ações são justificadas pela razão. Assim, justificamos o abuso social, o autoritarismo, as repressões em nome de uma racionalidade. O fato é que nossas ações têm origem na emoção e no desejo, e não em nossa racionalidade.

Maturana afirma ainda que a origem do humano surgiu através da cooperação. Sem cooperação, o fenômeno social não teria sido possível. E, dado que a cooperação acontece como uma ação espontânea através da aceitação mútua, só há cooperação se houver amor.

A necessidade de cooperação está ligada do reconhecimento e aceitação do outro como legítimo, isto é, está ligado ao amor, que ganha diversas expressões segundo o espaço relacional e psíquico dos membros de uma comunidade. O amor constitui um anseio biológico básico que dispensa racionalizações e, concomitantemente, é realizado através da convivência social.

A aceitação do outro na convivência, pertence ao domínio da pura emoção. Entretanto, no contexto humano, o emocionar se reveste de miríades

de nuances, envolvidos por culturas diferentes. Mas o amor não é um atributo especial do ser humano *o que é especialmente humano no amor, não é o amor, mas o que fazemos no amor enquanto humanos.* (Maturana, 2002a: 185)

Ao vivermos, incorporamos ou não a emoção do amor; aprendemos ou não a realizar o domínio condutual especificado por esta emoção. Se, ao longo de sua ontogenia, o ser humano não viver um espaço de convivência onde haja o amor, ele não atuará de acordo com o amor, mas com o domínio de ações que, em sua ontogenia, vivencia. Havendo ausência desta emoção no processo de estruturação do ser humano, ele formará um amálgama emocional que irá delimitar ações desprovidas de uma base amorosa. Isto afetará sua percepção de mundo e sua conduta.

Para haver uma maturação psíquica sem problemas, é necessário que o indivíduo seja reconhecido e respeitado como legítimo outro. Para que o ser se realize integralmente, é necessário que tenha havido uma aceitação biológica básica. De tal forma isto ocorre que, Maturana afirma que quase todas as enfermidades estão ligadas à interferências com o amor. Para ele ‘desarmonias na realização do organismo (patologias somáticas e psíquicas) podem pertencer somente ao âmbito de interferências nas relações amorosas’.

Nós temos uma fisiologia dependente do amor. Se a criança cresce com problemas em sua relação maternal, sua corporalidade será diferente de uma criança que cresce na relação de confiança e aceitação que tem com sua mãe. Se, na relação não houver amor, contato físico, a criança crescerá de uma maneira que gerará uma dinâmica de convivência problemática. Seu corpo - fisiologia, sistema imunológico – terá características que têm a ver com sua história de interações.

Foi feita uma experiência com um cordeiro, de privação de contato com a mãe. Ao nascer um cordeiro, os cientistas o privaram da presença materna durante as primeiras horas. Esse fato provocou uma modificação na interação desse cordeiro com os outros cordeirinhos. Ele não era capaz de dar cabeçadas com os outros. A privação da interação com sua mãe e tudo o que carrega de estimulação foi decisivo na estruturação do sistema nervoso do cordeirinho. Ele, como os outros, era potencialmente capaz, pela sua estrutura neuronal, de exercer tal interação.

No entanto, por não ter havido a lambida da mãe, não houve transformação estrutural necessária para que pudesse brincar com os demais.

Isso significa que a história de interações de todo ser vivo consiste em sua contínua transformação

estrutural, e que a emoção do amor é fundamental no processo sadio de desenvolvimento do ser,

O amor existe ou não existe. Ou há amor, ou desamor. São duas as emoções básicas: aceitação (amor) ou rejeição (desamor). O amor envolve, indispensavelmente, a interação e aceitação de coexistência mútua. No amor, há uma congruência entre os que se amam e uma vivência no mesmo domínio emocional.

O amor acontece como aceitação do outro na convivência, mesmo reconhecendo que esse outro atua num domínio de ações diferentes. O amor não é racional. Pode-se não aceitar o outro domínio racional, mas pode-se aceitar a pessoa que está no outro domínio, se houver um encontro no âmbito da emoção.

Nós amamos se vivemos um espaço de convivência onde o amor existe. É o espaço de convivência que especifica a predominância de uma ou outra emoção. É no espaço de convivência como os outros que aprendemos a ser o que somos.

O amor é fundante da convivência social. Somente o amor é capaz de agregar e congregar. O desamor, ao contrário tende a desagregar, não favorece a criação de laços entre as pessoas. Mas, não nascemos nem amando nem odiando, aprendemos a manifestar essas emoções a partir do espaço de convivência em que nos encontramos. O homem não é naturalmente nem bom nem mau, mesmo porque esses conceitos são mutáveis. A natureza do ser humano é construída a partir de uma história de interações.

A formação do ser humano tem, portanto, uma dependência do modo de vida que vivencia. Segundo Maturana, uma pessoa é sempre dependente de como e com quem viva e das circunstâncias de sua vida. Não há genes para a bondade ou maldade, mas há histórias vitais que levam à bondade ou à maldade.

Este autor afirma que nós nos originamos no amor e dele somos dependentes. Somos biologicamente dependentes do amor, porque somente a partir dessa emoção é possível uma história de interações recorrentes; é possível uma história na qual pode haver recorrência de interações nas condutas e daí surgir a linguagem. Se a linguagem só é possível por causa disso, o amor é, então, biologicamente a fonte básica de socialização. O amor é a emoção que constitui o operar da aceitação mútua e é fundante do social. Nesse sentido, relações humanas não fundadas no amor não são relações sociais.

O amor constitui um domínio de condutas de aceitação do outro no mesmo domínio de convivência. Essa aceitação é que estabelece uma conduta de respeito e propicia as relações recursivas.

É possível que haja comunidades humanas não fundadas no amor. São comunidades em que as coordenações não implicam em cooperação, mas em competição, rivalidade. São comunidades em que do domínio de ação é fundado em outra emoção que não o amor. Nem todas as relações humanas são da mesma classe, porque nem todas são constituídas a partir do amor.

Maturana não nega a existência de modos de vida baseados na competição, na violência, no ódio. Mas, afirma que as condutas de ódio, desprezo, abuso, são modos humanos de relação que se estabilizam culturalmente como formas de condutas não sociais no âmbito humano.

No âmbito do desamor, só são possíveis encontros casuais, separações e rechaços. O amor e a rejeição são emoções pré-linguagem que possibilitam a interação ou separação. Tais emoções têm domínios opostos no âmbito da convivência. Entretanto, um não é o oposto do outro. A indiferença é que não legitima o outro de modo algum, nem sequer para negá-lo.

O amor constitui uma preferência para as relações recorrentes; evita a agressividade. O amor é apenas uma expressão de uma congruência particular nas estruturas dinâmicas do amante e do amado.

O desamor resulta numa irresponsabilidade quanto aos outros. Sob esta emoção, não há preocupação com o outro; trata-se de uma incongruência entre os rejeitados. Esta emoção *leva o ser humano a tratar o outro como um não outro para a dinâmica social, isto é, como um estranho com o qual é impossível estabelecer um domínio social.* (Maturana, 1991: 7).

O amor abre um espaço de convivência no qual a aceitação do outro é legítima e sem exigências. O amor não é cultural, é uma disposição biológica, porque é o fundamento de nossa história humana. A forma que o amor tem depende do domínio no qual ocorre. É isso que lhe confere algumas peculiaridades humanas.

*Ambas as emoções surgem ou desaparecem no domínio de interações de um organismo como uma função do caminho particular seguido por suas mudanças estruturais durante suas ontogenias, selecionado através de suas interações dentro e fora do sistema social que possam integrar'* (Maturana, 1991:8)

### **Estruturação e Meio Social**

Nós, seres humanos, somos seres sociais e isto significa que nos realizamos como organismos mediante acoplamentos mútuos, numa rede de

interações recíprocas. O indivíduo se realiza no meio social e o meio social é formado por indivíduos.

O processo em que há compatibilidade entre organismo e sua circunstância, em que um e outro são fontes de perturbações, engatilhando reciprocamente modificações de estado, numa história contínua de interações é designado de *acoplamento estrutural*.

As interações recorrentes são interações que desencadeiam mudanças estruturais com conservação da organização do sistema. O organismo humano é dotado de um sistema nervoso com plasticidade que favorece grande variedade de mudanças estruturais e portanto, grande variedade de condutas.

Considerando que o indivíduo se estrutura no meio social, sua estruturação será congruente com este meio no qual ele se realiza. Portanto, a forma de interação no contexto de convivência é fundamental para o desenvolvimento da criança. Esta forma de integração pode ter o amor como emoção básica ou pode ter outras emoções que geram conflitos e estruturam a fisiologia de modo desarmônico e distorcem a percepção.

Os organismos vivos estão sempre inseridos num meio e continuamente sofrem perturbações ao longo de suas ontogenias. A história de interações de um ser vivo particular é sua ontogenia. Nessa história, todo ser vivo parte de uma estrutura inicial, estrutura essa que define o curso de interações possíveis. O organismo nasce em um meio, que, por sua vez, dispõe de uma dinâmica estrutural operacionalmente distinta do ser vivo.

Tal como o meio, o outro com quem interagimos constitui apenas uma fonte de perturbações. Essas perturbações – constitutivas da história de interações – não são determinantes, mas são decisivas, na medida em que o sistema nervoso passa por mudanças de estado e adquire novas formas de acordo com essas perturbações.

O que há em espaços de interacionais, é a congruência entre os participantes. Entre dois indivíduos que interagem, *A* e *B*, por exemplo: *A* desencadeia mudanças em *B*, mas não especifica o que se passa em *B*. O que há é uma congruência, um acoplamento entre os seres interagentes.

De acordo com a Biologia do Conhecimento, somos sistemas determinados por nossa estrutura. *A* engatilha perturbações em *B*, e vice-versa. Mas cada vez que há um encontro, o que se passa depende de nós, de como somos feitos, da história de interações corporificadas em nós. O que há, quando nos comunicamos, é um encontro estrutural e não uma especificação de fora a nos dar informações. As interações ocorrem de tal forma que o que ocorre é um encontro estrutural.

O acoplamento estrutural nos seres humanos é resultado de mudanças de estado engatilhadas por interações recorrentes, mas tornadas possíveis pela estrutura plástica do sistema nervoso, de uma maneira que a própria perturbação tornada possível por dada estrutura, pode propiciar novas modificações estruturais e, assim, indefinidamente. O que é imprescindível é que a organização permaneça.

As relações em sua própria estrutura, as relações com o meio e com os outros vão determinar mudanças estruturais e vão formar incessantemente suas histórias de vida. Essa vivência num meio específico vai delimitar a emotividade. Se o meio societário tiver como base a emoção do amor, a criança crescerá vivenciando condutas amorosas – formará uma base de conduta baseada na emoção de aceitação e respeito.

### História de Interações

*Que história de interações o organismo mantêm? Isso depende da estrutura do organismo. É dependente disto, da estrutura que o sistema nervoso tem no momento em que ele é considerado.* (Maturana, 1991b:7)

A vida dos seres humanos é a história de mudança estrutural de um indivíduo sem que este perca sua organização. Este contínuo cambio estrutural se dá na unidade de cada ser. É resultado de sua dinâmica interna ou de interações com o meio.

Há transformações estruturais que dependem da própria dinâmica do sistema, mas há aquelas que dependem das interações do ser vivo com o meio. O ser vivo e sua circunstância mudam juntos. Na verdade, o que ocorre é uma co-estruturação e uma co-interação, pois o meio dispõe de sua própria estrutura, assim como o ser vivo. Quando estamos em interações recorrentes na convivência, nos modificamos de forma congruente com nossas circunstâncias.

O meio não *determina* o que acontece ao organismo, pois o que determina o que lhe acontece é a própria estrutura. O meio apenas *desencadeia* as mudanças que sua estrutura permite. Da mesma forma que a chave, aparentemente, é que determina se a porta é aberta ou não. Na verdade, é a fechadura a determinante. E ambos têm que dispor de uma congruência mútua para que a porta seja aberta.

O desenvolvimento do ser humano ocorre sob a forma de mudanças estruturais determinadas, seja como resultado de um o processo de estruturação interno ao organismo, seja como mudanças desencadeadas pelas relações com os outros, - que engatilha mudanças estruturais internas. É esta relação social que nos torna o que somos, como seres

humanos e sociais: *lo que nos constituye como seres humanos es nuestro modo particular de ser en este dominio relacional donde se configura nuestro ser en el conversar, en el entrelazamiento del lenguaje y emocionar.* (Maturana, 1992:22).

As sociedades humanas se realizam numa rede de conversações que inclui o emocionar e o linguagem. Este contexto de conversações vai definir as interações entre seus membros. Ou seja, o desenvolvimento da criança vai se fazer no contexto de conversações de seu meio social. Ela aprenderá o emocionar dos adultos com quem compartilha sua existência.

O conversar é uma dinâmica imanente na instituição do modo de viver humano. A criança aprende a falar, dentro de um espaço de interações com sua mãe, pai, e com outras crianças com quem convive. Neste espaço de convivência, ela vai se modificando de acordo com essa história. A história de interações da qual fizer parte vai especificar o modo de ser e atuar da criança.

Há redes de conversações pautadas na aceitação e há redes de conversações que são fundadas a partir da negação do outro como legítimo outro. Cada rede de conversações que se estabiliza como modo de convivência na linguagem e no emocionar, estrutura o ser de seus membros constituintes. As interações baseadas em conversações de acusação, culpa, *dever-ser*, erigem pessoas que negam a si mesmas, e negando a si mesmas, negam também o outro. Gera-se um domínio condutual que não inclui o amor, caracterizando sistemas de convivência nos quais há sofrimento.

Aprendemos o emocionar de dada cultura, a partir da história de interações que nos estrutura de um modo específico – a história de interações vai estabelecendo mudanças estruturais. À medida que vamos vivendo, vamos nos tornando de determinada forma em acoplamento com o meio social. *O curso seguido por nossas mudanças estruturais individuais é recursivamente acoplado ao curso de nossas conversações* (Maturana, 2002a:310).

Quando somos crianças, nossos neurônios estão passíveis a todas as combinações possíveis de que nossa estrutura é capaz. Mas, nós vamos nos tornando de um modo particular no vivenciar, e esse tornar-se é um processo de estruturação, que é dependente do modo de convivência. Há modos de convivência no qual os indivíduos são aceitos como legítimo outro e há modos de convivência nos quais a negação do outro é a tônica principal.

Como há um acoplamento entre indivíduo e meio, é importantíssimo o meio no qual crescemos e nos desenvolvemos; pois nossa estruturação

acontecerá de maneira congruente com o meio em que estamos inseridos. As modificações ocorrem pela contínua interação com o meio. *Si cambia el conversar, cambia el emocionar, y lo hace siguiendo el curso del emocionar aprendido en la cultura que uno vive y ha vivido (Maturana, 1992:46).*

Há redes de conversações que se estabilizam no convívio social. Apesar de fluirmos de uma emoção para outra, a emoção de aceitação e legitimação do outro pode se estabilizar como modo de convivência. O mesmo acontece com o rechaço. As pessoas se conduzem a partir da emoção que, no processo de interações, serve de base para suas condutas e percepção. Uma criança que é bem amada e aceita terá um domínio de condutas de amor e aceitação.

Como nos estruturamos continuamente em nossa história de interações, somos um contínuo vir a ser. Nunca estamos prontos, acabados. Mas, principalmente durante a infância, formamos um padrão básico emocional e perceptivo.

Em virtude disso, o espaço de convivência no qual crescemos e nos movemos é decisivo no nosso operar – nós nos formamos ao longo de nossas histórias de interações – e é a educação enquanto espaço formador de nossa convivência, que vai delimitar uma conduta de amor ou uma conduta que nega o outro. Uma criança que foi desrespeitada, não saberá respeitar a si, nem aos outros.

Em entrevista concedida a Cristina Magro, o Professor Maturana afirma que o ser humano adquire seu emocionar no seu viver congruente com o emocionar dos outros seres com quem convive. A criança aprende o emocionar - de uma ou outra maneira como ser humano, com o emocionar-se dos adultos que formam seu ambiente humano...e se alegrará, enternecerá, envergonhará e se enraivecerá etc. seguindo as contingências das circunstâncias em que estes se alegram, enternecem, envergonham e se enraivecem.

Ao movermo-nos na linguagem, em interações com outros, mudam nossas emoções segundo um emocionar que é função da história de interações que tenhamos vivido, na qual surgiu nosso emocionar como um aspecto de nossa convivência com outros fora e dentro do linguajar. Como todo ser vivo existe como um sistema dinâmico em contínua mudança estrutural, estas mudanças acontecem desde a concepção até a morte.

As condutas nas quais não se reconhece a legitimidade do outro advém de uma história de interações na qual o amor esteve ausente, e ou viveu-se um modo de vida que não inclui a consideração pelo outro. O espaço de desamor implica numa

percepção que pode originar o comportamento de desamor.

As mudanças de estado, provenientes das perturbações, seja do meio, seja da convivência com outros seres humanos - em certo sentido, esses dois vem a ser o mesmo - se corporificam no indivíduo, formando seu modo de ser e de viver.

Toda ontogenia de um indivíduo particular como membro de uma sociedade está amarrada a sua contínua história de interações. São essas interações que mantêm ou modificam a dinâmica de cada um dos integrantes da rede social. O que ocorre é um processo interno de estruturação, mas em acoplamento com o meio social.

### Referências

MATURANA, H. (2002a) **A Ontologia da Realidade.** (Magro, Graciano e Vaz: organizadores). Belo Horizonte: Ed. UFMG.

MATURANA, H (1989a) **Ontologia do Conversar. Extraído de Persona y Sociedad. Vol III, n. 2, pag. 9-28. Tradução de C. Magro e N. Vaz. Santiago del Chile:Mimeo.**

MATURANA, H. (1992) **El Sentido de lo Humano.** Santiago del Chile: Hachette.

MATURANA, H. (1990) **Emociones y Lenguaje en Educación y Política.** Santiago del Chile: Ed. Hachette.

MATURANA, H. (1989b) **Linguagem e Realidade: a constituição do humano.** Arch. Biol. Med. Exp. 22:77-81. Traduzido por C. Magro e N. Vaz. Chile. Mimeo.

MATURANA, H. (2002b) **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Minas Gerais: Editora UFMG.

MATURANA, H. (1991) **Man and Society. In Autopoiesis, Communication and society. The Theory of Autopoiesis in the Social Sciences.** Besenber, Hegl and Köck. Frankfurt: Campus Verlag. Texto em português mimeografado, traduzido por Efímia Rôla.

MATURANA, H. (1991b) **Sobre a Consciência e a Cognição.** Palestra proferida em Santiago, Chile, transcrito por Nelson Vaz. Belo Horizonte.

